



Capítulo 1

Sobre um barco de cortiça e um vulcão

A Mamã Mumin estava sentada ao sol nas escadas da entrada a fazer uma escuna de cortiça em miniatura.

— Uma vela grande no mastro grande, uma na mezena e várias velas triangulares no gurupés, se bem me recordo — pensou ela.

O leme era uma tarefa delicada e o porão ainda era mais complicado. A Mamã Mumin tinha feito uma escotilha de cortiça minúscula e, quando a colocou no sítio, ela encaixou perfeitamente sobre o porão.

— Pelo sim, pelo não, não vá deparar com um furacão — disse ela para os seus botões, com um suspiro feliz.

Ao seu lado, nas escadas, estava a filha dos Mimeiras a observá-la com o queixo pousado nos joelhos. Viu a Mamã Mumin a fixar os estais com alfinetezinhos de cabeça de vidro, cada um de uma cor diferente. No topo dos mastros já esvoaçavam galhardetes vermelho-vivos.

— Para quem é? — perguntou a filha dos Mimeiras respeitosamente.

— Para o Muminroll — respondeu a Mamã dele, e remexeu no seu cesto de costura à procura de qualquer coisa que servisse como cabo da âncora.

— Não me sacudas assim! — gritou uma vozinha de dentro do cesto.

— Ai a minha vida! — disse a Mamã Mumin. — Cá está a tua irmãzita outra vez no meu cesto de costura! Um dia vai magoar-se nos alfinetes e nas agulhas.

— Mi! — disse a filha dos Mimeiras ameaçadoramente, e tentou puxar a irmã para fora de um novelo de lã. — Sai daí imediatamente!

Mas a Miminha conseguiu enfiar-se ainda mais para dentro da lã, desaparecendo por completo.

— Que maçada ela ter saído assim tão pequenina — lamentou-se a filha dos Mimeiras. — Nunca sei onde hei de procurá-la. Não poderias fazer um barco de cortiça também para ela? Ela podia velejar no barril da água e, assim, eu ia saber sempre onde ela estava.

A Mamã Mumin riu-se e procurou outro pedaço de cortiça na sua mala de mão.

— Achas que isto estaria bem para o tamanho da Miminha? — perguntou ela.

— Com toda a certeza — disse a filha dos Mimeiras. — Mas também vais ter de lhe fazer uma boia de salvamento pequenina.

— Posso cortar o teu novelo de lã? — gritou a Miminha de dentro do cesto de costura.

— À vontade — respondeu a Mamá Mumin.

Estava a admirar a sua escuna e a perguntar a si mesma se se teria esquecido de alguma coisa. Enquanto ali estava sentada a segurá-la com a pata, um grande floco de fuligem negra veio a flutuar por lá abaixo e pousou no convés, mesmo no meio do barco.

— Argh! — disse a Mamá Mumin, e afastou-a com um sopro.

Nesse mesmo instante, um outro floco aterrou-lhe no nariz. De repente, o ar estava cheio de fuligem.

A Mamá Mumin levantou-se com um suspiro.

— Que maçador que é este vulcão — observou ela.

— Vulcão? — perguntou a Miminha, e espetou a cabeça para fora da lã, toda interessada.

— Sim, é uma montanha que fica perto daqui. De um momento para o outro começou a cuspir fogo e fumo para todo o vale — explicou a Mamá Mumin. — E fuligem. Tem-se mantido quietinho e bem-comportado desde que me casei. E agora, passados estes anos todos, no momento exato em que eu acabei de lavar a roupa,

tinha de espirrar outra vez e vir sujar tudo o que eu pus a secar.

— Está toda gente a arder! — gritou a Miminha alegremente. — E as casas, os jardins, os brinquedos e as irmãzinhas das pessoas e os brinquedos delas também.

— Disparates — disse a Mamã Mumin com boa disposição, e sacudiu outro floco de fuligem do nariz.

Depois foi procurar o Mumintroll.

No fundo da ladeira, um bocadinho à direita da árvore em que estava a cama de rede do Papá Mumin, havia um laguinho de água castanha e límpida. A filha dos Mimeiras insistia sempre que no centro não havia fundo. Talvez ela tivesse razão. Junto às bordas cresciam folhas largas e brilhantes para as libelinhas e os besouros aquáticos descansarem, e por baixo delas costumavam andar umas criaturas parecidas com aranhas a remar às voltas, tentando parecer muito importantes. Mais para baixo, os olhos da rá do lago brilhavam como ouro e, às vezes, conseguia-se entrever por breves instantes os seus misteriosos parentes que viviam bem no fundo da lama.

O Mumintroll estava deitado no seu sítio do costume (ou num dos seus sítios do costume), aninhado no musgo verde e amarelo com a cauda cuidadosamente recolhida debaixo do corpo.



Olhava, satisfeito e muito sério, para o fundo da água enquanto ouvia o sussurro de asas e o zumbido sonolento de abelhas à sua volta.

— É para mim — pensava ele. — Tenho a certeza de que é para mim. Todos os verões, ela faz sempre o primeiro barco de cortiça para aquele de quem gosta mais. Depois lança um bocadinho de confusão, porque não quer que ninguém fique magoado. Se aquela aranha-de-água nadar para leste, não vai haver barquinho a remos. Se nadar para oeste, é porque ela fez um barquinho tão